

Associativismo apícola no coração da Chapada Diamantina: a experiência da Flor Nativa

Journei Pereira dos Santos¹
Pedro Constam²

RESUMO

A apicultura é um importante segmento produtivo nacional. Além de contribuir para a economia brasileira, também exerce forte papel social, desde a geração de emprego e renda, até o estímulo à formação e consolidação de espaços coletivos de autogestão, como cooperativas e associações. Nesse contexto, o presente trabalho teve por objetivo realizar um estudo sobre a experiência organizativa e produtiva da Associação de Apicultura do Vale do Capão (Flor Nativa), localizada na zona rural do município de Palmeiras, na Chapada Diamantina. Metodologicamente, foi realizada uma pesquisa documental e, com base nesta, uma síntese de informações para o delineamento de um estudo de caso. Esse estudo permitiu caracterizar as particularidades dessa organização de apicultores, além de evidenciar sua relevância no desenvolvimento local, bem como no estímulo para o surgimento de novas iniciativas sociais de autogestão na região da Chapada Diamantina.

Termos para indexação: desenvolvimento territorial, organização social, sustentabilidade, Vale do Capão.

Ideias centrais

- Descrição das atividades desenvolvidas por uma experiência pioneira de associativismo apícola na Chapada Diamantina.
- Abordagem do potencial da apicultura nos processos de organização social e desenvolvimento local.
- Panorama dos desafios encontrados no processo de consolidação de uma experiência de autogestão na zona semiárida da Bahia.

Beekeeping associativism in the heart of Chapada Diamantina: the experience of Flor Nativa

ABSTRACT

Beekeeping is an important national productive segment. In addition to contributing to the Brazilian economy, it also plays a strong social role, for generating employment and income, as well as for encouraging the formation and consolidation of collective spaces for self-management, such as cooperatives and associations. In this context, the present work aimed to carry out a study on the organizational and productive experience of a beekeeping association in the Vale do Capão (trade name: Flor Nativa), located in the rural area of the municipality of Palmeiras, in the Chapada Diamantina region. Methodologically, a documentary research was carried out, and, from that, a synthesis of information for the design of a case study was performed. This study allowed characterizing the particularities of this organization of beekeepers, in addition to highlighting its relevance in local development, as well as in stimulating the emergence of new social self-management initiatives in the Chapada Diamantina region.

Index terms: territorial development, social organization, sustainability, Vale do Capão.

Recebido em
12/07/2022

Aprovado em
28/12/2022

Publicado em
13/03/2023



This article is published in Open Access under the Creative Commons Attribution licence, which allows use, distribution, and reproduction in any medium, without restrictions, as long as the original work is correctly cited.

¹ Bacharel em Engenharia Florestal, mestre em Ciências Agrárias, Salvador, BA. E-mail: johanmoria@gmail.com

² Tecnólogo em apicultura e meliponicultura, apicultor orgânico, agente de desenvolvimento rural, Salvador, BA. E-mail: flor.nativa@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A apicultura é um importante segmento da agropecuária nacional. Segundo o último Censo Agropecuário, a atividade apícola está presente em cerca 70% dos municípios brasileiros (Escobar, 2019). O mel é o produto de maior destaque. O Brasil ocupa a 11ª posição no ranking mundial de produção de mel (FAO, 2020), mas é o primeiro em quantidade de colmeias orgânicas, com 898.640 unidades (Willer & Lernoud, 2019). Embora a produção brasileira seja dez vezes menor do que a obtida pela China – líder mundial do setor –, em 2017, esse volume produtivo foi o suficiente para gerar um montante de R\$ 513,9 milhões (IBGE, 2017).

O Nordeste brasileiro possui elevado potencial melífero (Pereira et al., 2006). Os nove estados da região respondem por 34,2% (15,7 toneladas) da produção nacional de mel, destacando-se o Piauí, com 5,02 mil toneladas, e a Bahia, com 3,9 mil toneladas (IBGE, 2019). Trata-se de uma cadeia produtiva que ainda pode crescer bastante, sobretudo se consideramos que a maior parte dos apicultores é de pequeno ou médio porte – com até 200 colmeias. Em âmbito regional, esses produtores contam, por vezes, com um manejo inadequado e assistência técnica insuficiente (Vidal, 2020).

Todavia, mais do que um importante elemento na balança comercial brasileira, a atividade apícola também cumpre com um relevante papel social. É um segmento que gera emprego e serve como fonte de renda para diversas comunidades rurais (Lourenço & Cabral, 2016; Assad et al., 2018), sendo majoritariamente desenvolvido por agricultores familiares (Ploeg, 2006; Ribeiro et al., 2019; Silva et al., 2020). Esse segmento também se consolida como mecanismo catalisador do processo de organização social. Estimula a formação de espaços sociais de autogestão, fortalecendo o senso de coletividade e promovendo a criação de associações e cooperativas de produtores (Barbosa et al., 2007).

Em um levantamento realizado entre 2014 e 2015, Oliveira et al. (2016) estimaram que o Brasil possuía 135 organizações de apicultores e meliponicultores (100 associações, 33 cooperativas e 2 centrais), formando um total de 6.168 membros filiados.

O mesmo estudo também apontou que o Nordeste – que conta com 64 organizações, incluindo as 2 únicas centrais do País até então – e o Sudeste, com 45 organizações, são as regiões brasileiras que abrigam o maior número de iniciativas coletivas de criadores de abelhas. No entanto, por ser predominantemente caracterizada como uma atividade secundária, que gera renda complementar para os produtores, a apicultura nacional acaba sendo pouco especializada. É bastante difusa e com pouco uso de tecnologia. São características que ressaltam a relevância das iniciativas coletivas na busca por estratégias de mercado e coesão das atividades desenvolvidas pelo setor (Lengler et al., 2007).

Outra perspectiva organizacional que igualmente pode colaborar para fomentar a cadeia apícola são os chamados Arranjos Produtivos Locais (APLs). Tal estrutura é formada por meio da articulação e interação cooperativa de atores públicos e privados de um determinado território (instituições governamentais, empresas, organizações sociais, universidades, etc.), que visam garantir suporte amplo a cadeias produtivas que contribuem para o desenvolvimento local (Lastres & Cassiolato, 2003; Siqueira, 2010).

Em muitos países, iniciativas que tomam por base propostas de execução de Arranjos ou Sistemas Produtivos Locais têm angariado maior inserção no escopo de políticas públicas (Amaral, 2010). Considerando que os APLs geram vantagens competitivas por meio da inovação e da melhoria da capacidade produtiva (Siqueira, 2010), essa estratégia econômica pode ser uma alternativa valiosa para o crescimento do segmento da apicultura e meliponicultura.

Considerando o enorme potencial apícola da região da Chapada Diamantina, este estudo teve por objetivo a análise de uma iniciativa pioneira de organização social de criadores de abelhas da região do Vale do Capão – a Associação Flor Nativa. Traçou-se breve panorama dessa trajetória,

sistematizando suas principais estratégias organizativas e produtivas, bem como os desafios e maiores entraves enfrentados por essa iniciativa de autogestão.

METODOLOGIA

A estrutura metodológica deste estudo exploratório-descritivo se fundamentou sobre dois pilares básicos: a pesquisa documental (pilar descritivo/técnica de coleta) e o estudo de caso (pilar exploratório/delineamento principal).

Em um primeiro momento, foram consultados documentos que compõem o acervo da Associação de Apicultura do Vale do Capão (Flor Nativa), sediada no distrito de Caeté-Açu, município de Palmeiras, na Chapada Diamantina, Bahia. O levantamento abarcou arquivos de natureza documental (atas de reunião, registros, relatórios, notas técnicas, anais de eventos, informes, folders, certificados, projetos, editais, etc.) que, de alguma forma, pudessem contribuir para o delineamento do objeto de estudo, principalmente com informações relevantes sobre a estrutura e dinâmica organizativa e das fases de produção, processo de comercialização, articulações com órgãos e entidades e atividades desenvolvidas no território. Faz-se necessário ressaltar que outras informações acerca dessa organização de criadores de abelhas foram igualmente coletadas em canais alternativos, como portais informativos locais e de órgãos estaduais, blogs e mídias digitais.

Complementando o percurso metodológico, as etapas de identificação, seleção, organização e interpretação dos dados obtidos por meio do levantamento documental seguiram as diretrizes da proposta analítica descrita por Creswell (2007). Esse processo de sistematização subsidiou a formação de uma síntese de informações, materializando o objetivo principal desta pesquisa.

A ASSOCIAÇÃO DE APICULTURA DO VALE DO CAPÃO (FLOR NATIVA)

Flor que brotou do fogo

Fundada em 27 de abril de 1997, a Associação de Apicultura do Vale do Capão (Flor Nativa) foi criada com o escopo de organizar e estimular a prática apícola local, promovendo uma atividade econômica sustentável, capaz de gerar renda para os moradores da região, mas sem impactar negativamente o meio ambiente. Entretanto, a origem dessa organização social deriva de um momento de caos na Chapada Diamantina: um incêndio de grandes proporções no ano de 1996, que consumiu cerca de 30% da cobertura vegetal do vale.

Em resposta ao fogo, um grupo de voluntários formou uma brigada, em apoio aos agentes do Ibama. Durante a ação de combate às chamas, os voluntários identificaram um número expressivo de brigadistas e pequenos agricultores que criavam abelhas, mesmo sem nenhum tipo de suporte técnico. Percebendo o potencial da apicultura para o desenvolvimento local, o grupo decidiu encarar o desafio e criar uma associação de apicultores (Flor Nativa, 2012).

Erguida no ano de 1998, a sede da Flor Nativa está situada no distrito de Caeté-Açu, município de Palmeiras – próximo ao limite noroeste do Parque Nacional da Chapada Diamantina. A área de 37 hectares que abriga o prédio da sede foi concedida pelo Governo do Estado da Bahia, mediante requerimento formalizado pelos associados (Portal Vale do Capão, 2021).

Todo o processo de construção da sede social foi efetuado em regime de mutirão, contando com recursos e mão de obra dos próprios associados. Paralelamente, foi iniciada a obra para edificar a unidade de beneficiamento de mel – 80% do seu custo foi financiado pelo Banco Mundial, com intermédio da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR Bahia) (Portal Vale do Capão, 2021). A casa do mel foi inaugurada no ano 2000. Em 2005, foi ampliada com recurso interno, tendo

sido completamente reformada, e recebido novos equipamentos em 2015, por meio do Projeto Apis-Chapada, aprovado e patrocinado por um edital da Petrobras (Flor Nativa, 2015).

Durante os primeiros anos, os membros da associação se concentraram no fortalecimento e legitimação da organização em relação aos órgãos competentes e à própria comunidade local. Nesse período, foi expedido o CNPJ da entidade e foi concedido o registro no Sistema de Inspeção Federal (SIF) do Ministério da Agricultura, e seus membros passaram a participar de diversos eventos e cursos de aperfeiçoamento com instituições parceiras, como o Sebrae-BA, a Seagri-BA, a CAR-BA e a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agropecuário (EBDA) (Flor Nativa, 2012).

Em pouco tempo, a utilidade pública da Associação de Apicultores do Vale do Capão foi reconhecida e decretada pela Câmara de Vereadores do Município de Palmeiras, por meio da Lei Municipal nº 272/2005, de 16/11/2005 (Portal Vale do Capão, 2021). No ano seguinte, tal distinção foi concedida pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, por meio da Lei Estadual nº 10.122, de 25/05/2006 (Bahia, 2006). Nesse mesmo período, foi a vez de o mel produzido pela Flor Nativa ser reconhecido, em âmbito estadual e regional, por sua qualidade, tendo sido agraciado com o 1º lugar no Congresso Baiano de Apicultura e Meliponicultura, em 2005 e em 2013, e no Congresso Nordeste de Apicultura de 2009 (Portal Vale do Capão, 2021).

Nos espaços de representação administrativa, a inserção da associação ocorreu em 1999, quando passou a integrar o Conselho do Fundo Municipal de Apoio Comunitário (Fumac) de Palmeiras. Posteriormente, atuou na Câmara Técnica de Apicultura do Governo Estadual, representando a região Chapada Diamantina, e, em seguida, nos Conselhos Municipais de Desenvolvimento Sustentável, Turismo e Meio Ambiente.

Em 2007 participou da construção do Plano de Desenvolvimento da Apicultura (PDA) da Seagri/Suaf-BA. Em 2001, o então presidente da Flor Nativa, Pedro Constam, tornou-se líder de um movimento de apicultores baianos que culminou com a fundação da Federação Baiana de Apicultura e Meliponicultura (Febamel), tendo sido eleito seu primeiro presidente, função que exerceu de 2007 a 2013 (Flor Nativa, 2012).

A apicultura nordestina é predominantemente desenvolvida pela agricultura familiar (Khan et al., 2014). Nesse contexto, a associação logra se inserir de forma efetiva no âmbito das políticas públicas voltadas para os pequenos produtores rurais. Bastante articulada, participa de editais de incentivo à produção e às ações de economia solidária, além de orientar e viabilizar o acesso de seus membros a programas como o Pronaf (BNDES, 2021) e o Bahia Produtiva (CAR-BA, 2021).

Prestes a completar 25 anos de sua fundação, a associação conta com 30 membros efetivos e alguns colaboradores eventuais. A Flor Nativa possui apiários distribuídos pelos seguintes municípios da região: Lençóis, Palmeiras, Iraquara, Seabra, Boninal, Bonito, Novo Horizonte, Abaíra e Souto Soares (Constam et al., 2015).

Estrutura organizativa

As organizações são um meio de construir relações sociais e de produção (Schultz, 2016). No entanto, as iniciativas de autogestão vinculadas à economia solidária, como associações e cooperativas, extrapolam os limites das organizações convencionais e vão além da esfera econômica, adentrando em uma dimensão mais ampla, repleta de significado político e sociocultural (Lapassade, 1989; Frantz, 2012), sendo a democracia um dos traços mais marcantes desses espaços coletivos (Lüchmann, 2014).

O principal instrumento de gestão democrática para cooperados e associados é a assembleia geral. Na Flor Nativa, as assembleias são realizadas trimestralmente e servem como espaços informativos e para discussões e deliberações de pautas internas da entidade, sempre registradas em atas. Quanto a isso, a estrutura administrativa da associação, seguindo o que preconiza a legislação

vigente, possui uma diretoria composta por quatro diretores e seis conselheiros fiscais, cujo mandato é de dois anos, a contar do término do pleito.

Dinâmica produtiva

A associação se dedica principalmente à produção de mel orgânico e convencional, mas também comercializa outros produtos, como a cera alveolada, favos (in natura), velas de cera e o hidromel (Flor Nativa, 2017; Melvino, 2021).

As particularidades das diferentes etapas do processo produtivo desempenhado pela Flor Nativa estão descritas a seguir.

Colheita

A coleta do mel é desenvolvida, prioritariamente, em regime de mutirão. A associação articula essa etapa de modo a contar com a participação de apicultores vizinhos, facilitando o trabalho e minimizando o estresse dos enxames, além de estreitar os laços entre os associados. Quanto à estratégia de logística, as zonas de coleta são definidas com um itinerário que possa abarcar os apiários geograficamente próximos – todos os apiários da Flor Nativa são georreferenciados, o que otimiza o tempo da atividade e ainda gera uma maior economia de combustível durante os deslocamentos (Flor Nativa, 2019).

Transporte

A associação dispõe de um veículo e de uma equipe técnica específica para fazer o transporte adequado das melgueiras até à sede. O recolhimento pode ser combinado com a colheita nos apiários – sempre em esquema de mutirão – ou com a colheita feita somente pelos apicultores, restando apenas a entrega das melgueiras à equipe técnica em um ponto determinado. Isso ocorre no caso da comunidade quilombola de Remanso, em Lençóis (APA Marimbus-Iraquara), onde parte do trajeto até os apiários é realizado por rios locais.

As melgueiras são inicialmente transportadas em canoas, para, somente depois, serem levadas até o ponto de entrega. O transporte pode ser solicitado e agendado por qualquer membro ou colaborador da associação, desde que feito com a devida antecedência. A demanda do membro ou colaborador será atendida mediante disponibilidade da equipe técnica e do veículo (Flor Nativa, 2019).

Escrituração zootécnica

O registro dos dados produtivos de uma determinada atividade de exploração econômica da produção animal é definido como escrituração zootécnica, entendida como o instrumento que visa obter parâmetros de produtividade e custos. Na apicultura, tal procedimento permite acompanhar o desenvolvimento das colônias e os níveis de produção (Tavares et al., 2007).

Os associados não realizam as anotações de todos os processos, mas são realizados o acompanhamento e o registro minucioso das migrações das colmeias e colheitas de mel pelo Sistema de Controle Interno (SCI) da associação³. São ações que permitem, entre outras coisas, a separação clara do mel convencional do mel orgânico, além da rastreabilidade de cada lote produzido.

Higiene e Controle

³ O Sistema de Controle Interno (SCI) é composto por quatro membros da associação, que zelam pela conformidade dos apicultores com certificação orgânica. Esse grupo realiza visitas periódicas de inspeção e suporte aos apiários, e faz o monitoramento das áreas de produção orgânica – registrando todos os potenciais pontos de contaminação (agricultura convencional, lixões, estações de tratamento e zonas urbanas).

A dinâmica produtiva e a comercialização de produtos apícolas estão submetidas a uma série de exigências, legais e técnicas, orientadas pela legislação vigente (Quay et al., 2020). Assim, as boas práticas devem estar presentes durante a execução das diferentes etapas do processo produtivo: manutenção, coleta, transporte, beneficiamento e comercialização.

Frequentemente, com vista a minimizar a possibilidade de contaminação durante as fases do manejo, os apicultores associados participam de cursos de aperfeiçoamento. Entre esses cursos está o treinamento em Boas Práticas de Fabricação, envolvendo desde as práticas individuais até as atividades internas na unidade de beneficiamento (Flor Nativa, 2017). Além disso, em 2018 foi implantado o protocolo de APPCC (Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle).

Beneficiamento

Os favos, depois de coletados, são transportados até a casa de mel comunitária. Ali são armazenados e, na sequência, encaminhados para a etapa de beneficiamento. A Flor Nativa é a única com Selo de Inspeção Federal (SIF) nessa parte do território da Chapada Diamantina. Sua unidade de beneficiamento conta com equipamentos modernos e equipe habilitada.

Conforme a APPCC, todas as fases do beneficiamento (desoperulação, centrifugação, decantação, classificação, envase e rotulagem) seguem as normas de higiene, segurança e qualidade. Para compor o banco de mel, algumas amostras são coletadas, separadas e, posteriormente, enviadas para análise em laboratório. Por fim, o mel é fracionado e passado para a sala de expedição, onde é rotulado, acondicionado e segue para a comercialização (Flor Nativa, 2020).

A marca Flor Nativa

A criação de uma marca ajuda a estabelecer vínculos entre o produtor e um determinado público consumidor. Esses vínculos vão se firmando na medida em que os consumidores possuem anseios por características e valores que se relacionam tanto com os produtos em si, como com os atributos ofertados pela organização que os desenvolve (Souza & Lima-Filho, 2012).

Compreendendo a importância desse processo, a Associação de Apicultura do Vale do Capão decidiu criar a sua marca, a Flor Nativa. Em 1999, a entidade promoveu um concurso artístico para escolher a logomarca que iria simbolizar tanto os produtos como a própria associação. A proposta vencedora foi concebida por um artista plástico que, à época, residia na localidade de Caeté-Açu (Flor Nativa, 2012).

O selo orgânico

Em 2005, depois de realizar uma série de adequações, a Associação de Apicultura do Vale do Capão se tornou a primeira entidade de apicultores do estado da Bahia a receber a certificação orgânica (Flor Nativa, 2012). A Flor Nativa obteve a certificação de qualidade na produção orgânica do Instituto Biodinâmico (IBD), selo que vem mantendo de maneira ininterrupta.

A conquista da certificação possibilitou a participação da associação em feiras especializadas, com apoio do Sebrae, além de ter permitido o acesso a novos mercados, como São Paulo e Distrito Federal. Contudo, a manutenção do selo de produto orgânico é um processo bastante exigente para a organização em termos de dinâmica produtiva para atender aos trâmites legais. Além disso, é muito oneroso. A certificação orgânica gera um custo anual consideravelmente elevado (Lima et al., 2020). De acordo com dados do Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos (CNPO), até 2018 o Brasil contava com cerca de 22 mil estabelecimentos agropecuários certificados como orgânicos (Brasil, 2018).

Mercados e comercialização

Segundo dados da associação, aproximadamente 95% da produção é comercializada com pequenas ou médias empresas. Os produtos da Flor Nativa (mel orgânico e comum, cera alveolada,

favos de mel, velas artesanais e o hidromel) podem ser encontrados em mais de 100 estabelecimentos comerciais espalhados pelo País. Contudo, pouco mais de 90% das vendas se concentram no território da Chapada Diamantina e em outras cidades do estado da Bahia, principalmente em Feira de Santana, Salvador e região metropolitana.

A parte destinada a outros estados tem como principais destinos São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Recentemente a associação obteve a autorização para exportação por meio do SIF 271 (Flor Nativa, 2017).

Entre as formas de venda, a associação realiza a modalidade de venda direta – feiras e eventos ou realizando a entrega com veículo próprio. Também efetua vendas online (e-commerce), usando plataformas e mídias sociais como o Mercado Livre, Facebook e Instagram, que se mostraram alternativas importantes, sobretudo durante as limitações impostas pela pandemia.

Números da produção de mel

O principal período para a safra de mel na região vai de outubro a abril. Os registros da associação indicam uma produção média de 14 t/ano, das quais aproximadamente 10 toneladas são de mel orgânico e 4 toneladas de mel convencional. O menor volume produtivo foi registrado na safra 2012/13, que, em virtude de uma estiagem severa, proporcionou uma produção de apenas 5,8 t. De acordo com Vidal (2018), a forte estiagem de 2012 e a acentuada irregularidade das chuvas nos anos seguintes impactaram profundamente a cadeia produtiva do mel nordestino na década de 2010. Segundo os registros internos, o recorde na produção da Flor Nativa foi alcançado na safra 2018/2019, tendo alcançado a marca de 28,4 t de mel (Flor Nativa, 2019).

Em relação ao custo médio de produção, os informes dos levantamentos realizados pela associação indicam que os valores médios para os custos no período que se estende de 2015 a 2020 são: de R\$ 6,00 a R\$ 10,00/kg de mel para produção no campo, e de R\$ 12,00 a R\$ 20,00/kg para beneficiamento do mel.

Desse modo, segundo as estimativas feitas pelos associados, para atingir um retorno financeiro satisfatório – que possa cobrir os custos operacionais e também gerar renda justa –, o mel fracionado e rotulado deve ser comercializado no atacado a partir de R\$ 30/kg.

Preservação e conservação ambiental

Na Chapada Diamantina, a Flor Nativa participou de ações de prevenção e combate a incêndios florestais, tanto monitorando os focos de incêndio quanto atuando como voluntários das brigadas locais e do ICMBio. Tem também prestado algum tipo de apoio material ou logístico às equipes de brigadistas.

Outra ação de destaque é o manejo com abelhas nativas prioritariamente para fins ecológicos, que visa promover a preservação e a multiplicação de espécies como a mandaçaia, jataí e uruçú. Essa prática foi tema de uma reportagem na edição de agosto de 2018 da revista apícola alemã *Bienen & Natur*. O artigo intitulado “Stachellos, Aber Wehrhaft – Zu Besuch bei den Meliponen in Brasilien” (Sem Ferrão, Mas Valentes Visita as Melíponas no Brasil) aborda o papel conservacionista desempenhado pelos associados e a relevância ambiental das abelhas nativas brasileiras (Matschullies, 2018).

Todavia, segundo registros da organização, mesmo sem contar com um suporte técnico adequado ou com um projeto específico para esse fim, a associação realizou algumas iniciativas pontuais de reflorestamento. Esse fato pode ter limitado a realização de ações mais amplas de reinserção de espécies nativas da flora local.

Projeto Apis-Chapada

Um dos princípios do associativismo é o da disseminação da cultura de cooperação, que visa fomentar a construção de novas iniciativas de organização social (Barboza, 2021). Imerso em tal

princípio, o Projeto Apis-Chapada promoveu uma série de atividades práticas e teóricas, como treinamentos e encontros, visando estimular o surgimento de experiências coletivas similares à da Associação de Apicultura do Vale do Capão em 10 municípios do território da Chapada Diamantina (Constam et al., 2015).

Contemplado pelo edital do Programa Petrobras Desenvolvimento & Cidadania, de 2012, o projeto recebeu um aporte financeiro no valor global de R\$ 1.650.000,00. Este recurso foi investido na qualificação de 20 participantes em cada um dos municípios contemplados (cursos básicos e avançados), em assistência técnica contínua durante dois anos, na realização de dois seminários de apicultura, que contaram com presença de palestrantes, e, por fim, na completa reforma da unidade de beneficiamento de mel da associação, já mencionada (Constam et al., 2015).

O projeto se estendeu de 2014 a 2017, tendo envolvido 200 produtores da região (Flor Nativa, 2020). Contudo, seu último seminário foi realizado no ano de 2019, em Seabra, durante o VII Congresso Baiano de Apicultura e Meliponicultura (CAR-BA, 2019). Deixou como principais legados o fortalecimento e a melhoria na qualificação da produção de mel em âmbito regional, além de ter estruturado as bases para o desenvolvimento de iniciativas de organização entre os apicultores dos municípios abarcados.

Entraves e perspectivas

São muitos os desafios para as organizações coletivas. Vão desde a consolidação da fidelidade dos seus membros até a falta de recursos e gestão adequada para se estabelecerem (Oliveira, 2009; Schneider, 2020). Lengler (2001 citado por Lengler et al., 2007), destaca que uma das maiores dificuldades para as organizações apícolas está em promover o escoamento da produção. Por isso mesmo, a busca por melhorias na dinâmica de comercialização deve ser constante.

Nesse contexto, a Flor Nativa vem se aperfeiçoando com o intuito de elevar sua capacidade de comercialização. Exemplo dessa intenção foi a participação dos associados em uma consultoria de mercados promovida pela CAR-BA, inserida no âmbito do Programa Vida Melhor Rural (de 2018).

Porém, nos últimos anos reduziu drasticamente a comercialização da associação com outros estados. Esse processo é decorrente de alguns momentos de instabilidade na produção, gerados pelas estiagens e pela pandemia do SARS-CoV2, além do aumento acentuado nos custos do transporte.

Por outro lado, nesse mesmo período houve crescimento nas vendas para o mercado interno, condição que pode ser justificada por uma clientela local mais cativa, talvez por serem apegados à origem e à qualidade dos produtos. Fator adicional é o fato de a própria organização se encarregar de realizar a maior parte das entregas de encomendas dentro do estado da Bahia.

Por fim, em uma perspectiva a médio prazo, a associação planeja a construção de uma loja própria. O objetivo desse espaço seria o de constituir um ponto de venda direta de parte da produção, buscando fortalecer os laços com o consumidor final. Além dessa iniciativa, a associação planeja criar um ambiente lúdico/informativo, que, levando em conta a vocação turística da região, se destinaria a recepcionar visitantes dispostos a comprar produtos locais. São visitantes que também se interessariam em conhecer mais detalhes sobre o processo pelo qual os artigos são produzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo logrou constituir uma sistematização caracterizadora dos diferentes processos organizativos e produtivos da Associação Flor Nativa, abarcando suas peculiaridades e indicando possíveis elementos que contribuiriam para o seu desenvolvimento. Tal síntese tem o potencial de servir de base para outras pesquisas que visem debater e analisar experiências similares.

Este trabalho também destacou os principais entraves e os maiores desafios dessa organização de apicultores. Evidenciou, também, o relevante papel da associação no contexto de desenvolvimento local e no estímulo para o surgimento de novas iniciativas sociais de autogestão na região da Chapada Diamantina.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, à Associação de Apicultura do Vale do Capão (Flor Nativa) e ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes-Brasil), fundamental para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A.M. do. **Arranjo produtivo local e apicultura como estratégias para o desenvolvimento do sudoeste de Mato Grosso**. 2010. 147p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- ASSAD, A.L.D.; ROCHANETO, A.C. da; MARINHO, B.; REHDER, C.P.; MATOS, C.; MENEZES, C.; BASSO, E.C.; KORS, J.A.M.; BRUNELLI JÚNIOR, J.; PIMENTEL, J.C. de C.; FONTES, J.L.; ALEIXO, K.; BARRETO, L.; GUIDO, M.C.; NICODEMO, M.L.F.; TAVEIRA, R.S.; CARVALHO, W.A.F. de. **Plano de Fortalecimento da Cadeia Produtiva da Apicultura e da Meliponicultura do Estado de São Paulo**. São Paulo: Secretaria de Estado de Agricultura e Abastecimento, 2018.
- BAHIA. Assembléia Legislativa. **Lei nº 10.122, de 25 de maio de 2006**. [Declara de utilidade pública a ASSOCIAÇÃO DE APICULTURA DO VALE DO CAPÃO, com sede e foro no município de Palmeiras]. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-10122-2006-bahia-declara-de-utilidade-publica-a-associacao-de-apicultura-do-vale-do-capao-com-sede-e-foro-no-municipio-de-palmeiras>>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- BARBOSA, A. de L.; PEREIRA, F. de M.; VIEIRA NETO, J.M.; REGO, J.G. de S.; LOPES, M.T. do R.; CAMARGO, R.C.R. de. **Criação de abelhas (apicultura)**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2007. 113p. (ABC da Agricultura Familiar, 18).
- BARBOZA, G. **Os Oito Princípios do Associativismo**. Vitória: Escola de Associativismo, 2021. Disponível em: <<https://escoladeassociativismo.com/novo-os-oito-principios-do-associativismo/>>. Acesso em: 11 set. 2021.
- BNDES. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. **Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar**. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/produto/pronaf>>. Acesso em: 7 jul. 2021.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos (CNPO)**. Brasília, 2018.
- CAR-BA. Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional do Estado da Bahia. **Apicultores e meliponicultores de todo o estado se reúnem em Congresso realizado na Chapada Diamantina**. Salvador, 2019. Disponível em: <<http://www.car.ba.gov.br/noticias/apicultores-e-meliponicultores-de-todo-o-estado-se-reunem-em-congresso-realizado-na>>. Acesso em: 14 ago. 2021.
- CAR-BA. Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional do Estado da Bahia. **Bahia produtiva**. Salvador, 2021. Disponível em: <<http://www.car.ba.gov.br/projetos/bahiaprodutiva#:~:text=Por%20meio%20do%20Bahia%20Produtiva,de%20baixa%20renda%20da%20Bahia>>. Acesso em: 9 jul. 2021.
- CONSTAM, P.; CONSTAM, M.C.; RELLSTAB, L.; SANTOS, R.E.; AQUINO, P.H. Projeto Apis-Chapada. In: CONGRESSO BAIANO DE APICULTURA E MELIPONICULTURA, 6.; SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PRÓPOLIS E PÓLEN, 3.; SEMINÁRIO DE PRÓPOLIS DO NORDESTE, 8., 2015, Ilhéus. **Anais**. Ilhéus: CEPLAC, 2015.
- CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 248p.
- ESCOBAR, J. **Sugestões da Embrapa são incorporadas a projeto de lei que propõe a criação de política nacional de incentivo à apicultura e à meliponicultura**. 2019. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/en/busca-de-noticias/-/noticia/48147835/sugestoes-da-embrapa-sao-incorporadas-a-projeto-de-lei-que-propoe-a-criacao-de-politica-nacional-de-incentivo-a-apicultura-e-a-meliponicultura>>. Acesso em: 9 jul. 2021.
- FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Food and agriculture data**. Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/en/#home>>. Acesso em: 22 mar. 2020.
- FLOR NATIVA. Associação de Apicultura do Vale do Capão. [Colheita]. [Palmeiras], 2019. Facebook: Flor Nativa. Disponível em: <<https://web.facebook.com/AssociacaoDeApiculturaDoValeDoCapao/photos/pcb.2042533369193800/2042528275860976/?type=3&theater>>. Acesso em: 4 de jul. 2021.

- FLOR NATIVA. Associação de Apicultura do Vale do Capão. [**Dia do Apicultor**]. Palmeiras, 2020. Facebook: Flor Nativa. Disponível em: <[facebook.com/AssociacaoDeApiculturaDoValeDoCapao/photos/pb.391924854254668.-2207520000..2905856522861476/?type=3&theater](https://www.facebook.com/AssociacaoDeApiculturaDoValeDoCapao/photos/pb.391924854254668.-2207520000..2905856522861476/?type=3&theater)>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- FLOR NATIVA. Associação de Apicultura do Vale do Capão. [**Reforma da Casa de Mel**]. Palmeiras, 2015. Facebook: Flor Nativa. Disponível em: <<https://web.facebook.com/AssociacaoDeApiculturaDoValeDoCapao/photos/a-tradicional-colheita-de-mel-de-candeia-est%C3%A1-no-auge-hoje-o-mutir%C3%A3o-reuniu-quat/823670157746800>>. Acesso em: 3 jul. 2021.
- FLOR NATIVA. Associação de Apicultura do Vale do Capão. [**Treinamento em Boas Práticas de Apicultura e de Fabricação**]. Mucugê, 2017. Facebook: Flor Nativa. Disponível em: <<https://www.facebook.com/flornativa1997/photos/pb.1640899656125711.-2207520000..1896353013913706/?type=3&theater>>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- FLOR NATIVA. Associação de Apicultura do Vale do Capão. **Formulário de Apresentação de Projetos [do] Programa Petrobras Desenvolvimento & Cidadania**. Palmeiras, 2012. Nome do projeto: APIS-Chapada. Organização proponente: Associação de Apicultura do Vale do Capão.
- FRANTZ, W. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária**. Ijuí: Unijuí, 2012. 162p.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agro 2017**. [2017]. Disponível em: <<https://censoagro2017.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa da Pecuária Municipal**: tabela 74 - Produção de origem animal, por tipo de produto. [2019]. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/74>>. Acesso em: 4 nov. 2020.
- KHAN, A.S.; VIDAL, M. de F.; LIMA, P.V.P.S.; BRAINER, M.S. de C.P. **Perfil da apicultura no Nordeste brasileiro**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2014. (Série Documentos do ETENE, n.33).
- LAPASSADE, G. **Grupos, organizações e instituições**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. 316p.
- LASTRES, H.M.M.; CASSIOLATO, J.E. Novas políticas na era do conhecimento: o foco em arranjos produtivos e inovativos locais. **Parcerias Estratégicas**, v.8, p.5-29, 2003.
- LENGLER, L.; LAGO, A.; CORONEL, D.A. A organização associativa no setor apícola: contribuições e potencialidades. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v.9, p.151-163, 2007.
- LIMA, S.K.; GALIZA, M.; VALADARES, A.; ALVES, F. **Produção e consumo de produtos orgânicos no mundo e no Brasil**. Brasília: IPEA, 2020. 44p. (Ipea. Texto para discussão, 2538).
- LOURENÇO, M.S.M.; CABRAL, J.E. de O. Apicultura e sustentabilidade: visão dos apicultores de Sobral (CE). **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, v.9, p.93-115, 2016. DOI: <https://doi.org/10.17765/2176-9168.2016v9n1p93-115>.
- LÜCHMANN, L.H.H. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.29, p.159-226, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200011>.
- MATSCHULLIES, S. Stachellos, Aber Wehrhaft: Zu Besuch bei den Meliponen in Brasilien. **Bienen & Natur**, v.8, p.43-46, 2018.
- MELVINO. **Como o hidromel chegou no Vale do Capão?** Palmeiras, 18 abr. 2021. Facebook: Melvino. Disponível em: <<https://web.facebook.com/melvinohidromel/photos/pb.544656385894600.-2207520000..1451520445208185/?type=3&theater>>. Acesso em: 24 ago. 2021.
- OLIVEIRA, D. de P.R. de. **Manual de gestão das cooperativas**: uma abordagem prática. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- OLIVEIRA, P. de A. de; SÁ, M. de S.; MELO, A.B. de; ROCHA JÚNIOR, C.J.G. da; CAVALCANTE, M.C. Levantamento das organizações associativas de apicultores e meliponicultores no Brasil. **Revista Econômica do Nordeste**, v.47, p.51-62, 2016.
- PEREIRA, F. de M.; FREITAS, B.M.; ALVES, J.E.; CAMARGO, R.C.R. de; LOPES, M.T. do R.; VIEIRA NETO, J.M.; ROCHA, R.S. **Flora apícola no Nordeste**. Teresina: Embrapa Meio-Norte, 2006. (Embrapa Meio-Norte. Documentos, 104).
- PLOEG, J.D. van der. O modo de produção camponês revisitado. In: SCHNEIDER, S. (Org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006. p.13-54.
- PORTAL VALE DO CAPÃO. **Associação Flor Nativa**: Associação de Apicultura do Vale do Capão. 4 nov. 2021. Disponível em: <<https://portalvaledocapao.com.br/associacao-flor-nativa/>>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- QUAY, A.A. de; OLIVEIRA JÚNIOR, P.A.G. de; ASSIS, D.C.S. de. A inspeção de produtos apícolas: principais exigências para os estabelecimentos de produtos de abelhas e derivados. **Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia**, n.96, p.37-50, 2020.
- RIBEIRO, M. de F.; PEREIRA, F. de M.; LOPES, M.T. do R.; MEIRELLES, R.N. Apicultura e meliponicultura. In: MELO, R.F. de; VOLTOLINI, T.V. (Ed.). **Agricultura familiar dependente de chuva no Semiárido**. Brasília: Embrapa, 2019. p.333-362.
- SCHNEIDER, J.W. **Relatório técnico e analítico do estudo de viabilidade da cadeia de valor do mel**. [S.l.]: PNUD-Brasil: Instituto Humanize, 2020.
- SCHULTZ, G. **Introdução à gestão de organizações**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2016. 159p.

SILVA, T.J.; SOARES, E.C.; NAVAS, R. Apicultura como atividade de desenvolvimento e conservação do bioma caatinga: um estudo de caso no Sertão de Alagoas. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, v.15, p.412-432, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14393/RCT153816>.

SIQUEIRA, S.S. **A importância dos arranjos produtivos locais para o desenvolvimento local**: o caso da aglomeração produtiva apícola no município de Picos - Piauí. 2010. 127p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

SOUZA, J.D.F. de; LIMA-FILHO, D. de O. Desenvolvimento de marca para produtos rurais: um estudo multicasos em São Paulo e Mato Grosso do Sul. **REDES**, v.17, p.55-69, 2012.

TAVARES, M.A.M.; LEAL NETO, J.X.; SILVA, P.A. de M. e. Escrituração zootécnica. In: SOUZA, D.C. (Org.). **Apicultura**: manual do agente de desenvolvimento rural. 2.ed. rev. Brasília: Sebrae, 2007. p.159-168.

VIDAL, M. de F. Evolução da produção de mel na área de atuação do BNB. **Caderno Setorial ETENE**, ano5, p.1-10, 2020.

VIDAL, M. de F. Produção de mel na área de atuação do BNB entre 2011 e 2016. **Caderno Setorial ETENE**, ano3, p.1-12, 2018.

WILLER, H.; LERNOUD, J. **The world of organic agriculture**: statistics and emerging trends 2019. Frick: FiBL; Bonn: IFOAM - Organics International, 2019.